

# humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA  
MCMLII

P. Terentius Afer, **Andria**. Textbearbeitung, Einleitung und Eigenamenverzeichnis von Dr. Andreas Thierfelder, o. Professor der Klassischen Philologie an der Universität Mainz. Heidelberger Texte, Lateinische Reihe, Band 22. F. H. Kerle Verlag, Heidelberg, 1951. 121 pág.

O n.º 22 da série latina da colecção «Heidelberger Texte» é a «Andria» de Terêncio. Recebemos com verdadeiro interesse esta edição comentada. Com efeito, o «Instituto de Estudos Clássicos» tem quase recolhido, na sua totalidade, o material para o «Lexicon Terentianum», e qualquer nova edição de Terêncio, desde que bem feita, pode constituir um contributo apreciável para a obra em curso. Não admirará, por isso, que um texto escolar, sem grandes pretensões, aliás, no que diz respeito ao aparato crítico, nos mereça uma atenção um pouco mais demorada.

A Introdução de cerca de 70 páginas em corpo miúdo de composição cerrada, contém uma parte literária em que avulta o texto latino da *Vita Terenti* (Suetónio e Donato) e o estudo das fontes gregas do teatro de Terêncio, em geral, e da «Andria», em particular. No final desta parte, refere-se o editor ao chamado *alter exitus* da comédia em questão, sobre o qual perfilha a opinião tradicional a respeito do seu carácter apócrifo, formulada já por Donato e Eugráfio. Talvez por isso mesmo, não o inclui no texto. Cita, logo após, uma breve bibliografia (*Literatur zu den Originalen und der Bearbeitung*) em que T. B. L. Webster só é conhecido pelo seu trabalho *Menander, Plays of Social Criticism*, publicado primeiramente no *Bulletin of the John Rylands Library* (Manchester) 30, 1947. Provavelmente, a data em que a presente edição da «Andria» foi publicada (1951) não lhe permitiu conhecer o então recente livro do Prof. Webster, *Studies in Menander* (1950), em que esse estudo é ampliado e reunido a outros igualmente importantes sobre Menandro.

O capítulo sobre língua e estilo de Terêncio é rico de observações concernentes à «Andria», embora desprovidas geralmente de perspectiva histórica (v. g., na pág. 34: «Der Imperativ kann verneint werden: 384 ne nega, 543, 868»). Não sei se a colocação, na *Einleitung*, das notas ao texto, contém mais vantagens, que desvantagens, principalmente numa edição escolar, como esta, em que o texto não é acompanhado de notas remissivas que permitam ao estudante utilizar sem demora a observação que lhe resolve cada dificuldade particular. A vantagem de uma exposição seguida é, assim, largamente diminuída pela falta de ligação imediata entre o texto e as notas explicativas.

A parte respeitante à métrica nesta Introdução é redigida com cuidado e contém numerosas e úteis observações aos versos da «Andria»; a *brevis breuians* é estu-

dada com algum pormenor como parte (*Iambenkürzungsgesetz*, abreviadamente *IKG*) de um capítulo (*Prosodie*) dos mais valiosos da Introdução; a menos conhecida regra de Bentley-Luchs, verificável em versos iâmbicos acatalécticos e em versos trocaicos catalécticos, é também explicada com exemplos.

Sobre o hiato prosódico, o Autor tem vistas pouco conservadoras. Segundo ele, parte dos hiatos admitidos por edições como a de Kauer-Lindsay são o resultado do sentimento linguístico inglês e alemão que se opõe a deixar desaparecer («*verschwinden*») na elisão palavras monossilábicas de significado importante, como os pronomes pessoais. O Prof. Thierfelder transige, em parte, com o hábito tradicional, mas contenta-se geralmente com sugerir o hiato por meio do *ictus*. É um processo de simplificação das coisas, que nem sempre dá pleno resultado. Citarei alguns exemplos.

Seja o primeiro um septenário iâmbico:

sicín me atque illam operá tua nunc miserós sollicitári! 689

Este verso é apresentado por Kauer-Lindsay assim:

sicín me âtque illam opera tua nunc miserós sollicitari [er]! 689

De acordo com a indicação do *ictus* em Thierfelder, nada impede que o segundo pé seja escandido *m(e) atqu(e) illam*, ao passo que a escansão de Kauer-Lindsay, combinando *uocalis ante uocalem e breuis breuians*, nos dá uma análise mais fina do pé: *me atqu(e) illam*. Note-se também o infinito arcaico *sollicitarier*, incómodo porque, embora colocado na posição final em que são habituais estas formas em *-ier*, transforma em octonário iâmbico este verso que ocorre num trecho de septenários iâmbicos. Na sua edição, Marouzeau (*Belles-Lettres*, 1947) resolveu a dificuldade, admitindo sem rodeios um octonário iâmbico. Kauer-Lindsay, porém, sugeriu timidamente, colocando a final *-er* entre parênteses, que se considerasse tal sílaba paragógica. Thierfelder, no evidente propósito de simplificar, suprimiu pura e simplesmente a sílaba *-er* e, com ela, o carácter arcaico do infinito. Estas simplificações sugeridas por Kauer-Lindsay, e efectivadas por Thierfelder, são relativamente frequentes: 607 *Vbi illic* [est] K-L — *Úbi illest* Th.; 638 *ubi opus* [est] K-L — *ubi opus* Th.; 957 *fors[itan]* K-L— *fors* Th..

Outro exemplo comprovativo da maior liberdade de Thierfelder, em relação à métrica, está no verso 708, um septenário iâmbico, em que o escrúpulo de K-L, ao marcar *quo lune* é ignorado com a simples colocação do *ictus* em *hinc*. Entretanto, se não é elucidativo sobre o hiato, o *ictus* informa com suficiente clareza sobre

*Ego hanc.* (Cito o verso, tal como vem em Th., para que seja possível apreciar um dos aspectos valiosos da edição, a saber, a abundância das notações teatrais:)

PA. Ego hanc visam, *zeigt auf das Haus der G ly cerium, in das er abgeht*

DA. *zu Ch., ungeduldig* Quid tu? quo hinc te agis?

CH. Verúm vis dicam?

DA. *mit Ironie, scheinbar lebhaft ermunternd* Immo étiam. 708

Quando à edição de Marouzeau, apresenta uma inversão da ordem das palavras, a quai, se lhe proporciona uma nota para o aparato crítico, não melhora em nada o texto, porque, deixando de existir *quo hinc*, passa a haver *tu? Hinc*:

PA. Ego hanc uisam.

DA. Quid tu? Hinc quo te agis?

CH. Verum uis dicam?

DA. Immo etiam. 708

Ainda um caso de supressão do hiato leva à conclusão de que, em relação à métrica, houve uma intenção visível de simplificar o texto no cenário iâmbico seguinte :

SI. Ego aúdiam? quid aúdiam,

Chremés? CH. At tandem dícat. SI. Age, dicát, sino. 895

A lição *Chremes* (de A), aliás pouco convincente, facilita a escansão do verso, em substituição de *Chreme* com hiato.

Entretanto, do mesmo modo que a falta de notas remissivas do texto para o comentário linguístico diminui o valor deste, igualmente a falta de notas que remetam ao comentário métrico torna um tanto precária, por vezes, a escansão de versos como o seguinte:

qui sum pollicitus dúcere? qua audácia id facere aúdeam? 613

pollicitu' ducere? qua audacia

K-L.

O quarto pé, antes da diérese, deste octonário iâmbico é *ducere*, com alóncamento na arse («Hebung»), e Thierfelder não se esquece de anotar o facto na pág. 58 da sua Introdução, mas com tão pouca sorte que uma «gralha» (*duceré*, em vez de *dúcere*) ainda deve tornar mais difícil este verso já prejudicado, quanto à métrica, por falta de uma nota remissiva.

O texto, do qual cremos ter dado uma ideia nestas nótulas métricas, não se afasta muito do de Kauer-Lindsay, e, em matéria de aparato crítico, o Prof. Thierfelder dá-nos apenas uma *Übersicht der erwähnenswerten Abweichungen der Heidelberger Ausgabe von dem Text*: a) *der Vita Terenti in der Ausgabe von Wessner*; b) *der Andria in der Ausgabe von Kauer-Lindsay*. A nota mais curiosa do reduzido aparato referente à «Andria» é a ressurreição de algumas variantes outrora preferidas por Bentley, uma das quais, a de 973, *es por est*, me parece psicologicamente muito aceitável.

Há uma «gralha» no texto, no final de 496, um octonário iâmbico : *quid rétulit ?* não é possível, pois tem que ser *quid ré tulit?*

Em volume *ã* parte, e do mesmo autor, é publicado conjuntamente um *Glossar zu P. Terentius Afer, ANDRIA* que constitui o número 22a da série latina de Heidelberg. Neste opúsculo, além do glossário propriamente dito, notas interpretativas do texto procuram minorar o inconveniente da falta das notas explicativas, e há um breve índice para utilização das contidas na *Einleitung*.

Em conclusão, trata-se de uma boa edição escolar que gostaríamos de ver nas mãos dos nossos estudantes universitários.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

M. Tullius Cicero, **De Legibus**. Textbearbeitung, Einleitung, kritischer Apparat und erklärendes Verzeichnis der Eigennamen von Prof. Dr. Konrat Ziegler (Universität Göttingen). Heidelberg Texte, Lateinische Reihe, Band 20. F. H. Kerle Verlag, Heidelberg, 1950. 148 pág.

A colecção de «textos de Heidelberg» apresenta, como número 20 da série latina, o «De legibus» de Cícero. Não é um dos mais conhecidos escritos tulianos, nem dos mais editados, para o que concorreu, sem dúvida, através dos séculos, o inacabado deste estudo de filosofia jurídica. Todavia, o «De legibus» merece com certeza mais ampla citação nas antologias ciceronianas, do que o famoso trecho nele contido, em que Marco Túlio se refere com delicada e comunicativa emoção à casa onde viu a luz (1). Na verdade, o «De legibus», embora incompleto, é um contributo precioso para o conhecimento da tradição filosófico-jurídica da Antiguidade e um documento raro sobre a amplidão metafísica do pensamento ciceroniano.

A Introdução do Prof. Ziegler, se não é muito extensa, tem o mérito de tratar compreensiva e acuradamente os pontos essenciais, relativos à origem, data, fontes

(1) De legibus, II, 1,3.